

Explorando a interseção da pesquisa e da fantasia na Psicanálise

Gessé Duque Ferreira de Oliveira¹

Rubens Dódoro Ferreira Cardoso²

Resumo

O objetivo deste artigo é relacionar a pesquisa à fantasia em Psicanálise. Para tanto, primeiramente, discorreremos sobre a fantasia em Freud, desde a teoria da sedução, elaborada com a finalidade de responder ao enigma neurótico, até a descoberta da fantasia como formadora dos sintomas. Em segundo lugar, passaremos à fantasia como proteção ao Real, conforme Lacan pontua. Por fim, dissertaremos sobre a pesquisa em Psicanálise e sua relação com o psicanalista-pesquisador. A partir dessas balizas, proporemos que há uma relação entre a produção fantasística e as questões inconscientes do pesquisador.

Palavras-chave: Fantasia. Pesquisa. Psicanálise. Inconsciente.

¹ Psicanalista e Psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com doutorado sanduíche na Université Sorbonne Paris Nord (USPN). Mestre em Psicologia pela UFPA. Especialista em Gestão em saúde pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Graduado em Psicologia pela UFMT. E-mail: gdfo@live.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1892-2412>

² Psicanalista e psicólogo. Graduado em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Residente em Atenção à Saúde Mental na Universidade Estadual do Pará/Fundação Hospital de Clínicas Gaspar Vianna (Uepa/FHCGV). E-mail: diodoro.psi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9014-8321>

Introdução

Responsável por descobrir que o homem não era senhor em sua própria casa, ao construir o conceito de inconsciente, Sigmund Freud anuncia a terceira ferida narcísica da humanidade. Ao criar o conceito de pulsão, revolucionou drasticamente a ideia de sexual até então vigente desde a era vitoriana. O fundador da Psicanálise marcou consideravelmente a forma de pensamento no século XX, tendo inclusive contribuído para a alteração da metodologia de pesquisa das Ciências Humanas. Tais exemplos apresentados são singelos e humildes diante da enorme e maciça obra freudiana e seu impacto em todos os campos do saber, haja vista que hoje Literatura, Sociologia, Linguística, Filosofia, Medicina, Direito, Enfermagem, entre várias outras ciências, apropriam-se da Psicanálise e realizam com ela potentes interlocuções para discutir suas teorias, métodos, pesquisas e clínicas em muitos casos.

Além do inconsciente e da pulsão, poderíamos dizer, também, que uma das mais consideráveis contribuições de Freud foi justamente valorizar a fantasia do sujeito no tratamento analítico. Por diversos motivos, depois de não acreditar mais em sua neurótica, referindo-se à Teoria da sedução, Freud percebeu que devemos trabalhar com a moeda vigente de cada paciente, a saber seu mundo fantasístico. Podemos notar esse trabalho em busca da fantasia em todos os seus casos clínicos. Transpondo a relação analista e analisante para uma relação de pesquisador e pesquisa, ou mesmo pesquisador e orientador, poderíamos dizer que haveria uma relação entre fantasia e pesquisa? As fantasias dos pesquisadores influenciariam suas escolhas e seus campos de pesquisa, seus resultados e descobertas? Explorar esse tema se faz extremamente necessário para percebermos que as pesquisas não são anódinas ou neutras, sem implicação subjetiva, além de que mesmo nas pesquisas universitárias, com o giro do discurso, podemos encontrar o discurso do analista, numa relação entre pesquisador e orientador.

Este artigo tem como objetivo investigar a relação que há entre as fantasias inconscientes do pesquisador e seu campo de escolha de pesquisa. Para tanto, utilizamos investigação teórica de abordagem psicanalítica, tendo como principais autores Sigmund Freud e Jacques Lacan, além de comentadores. Nesse sentido, percorreremos o conceito de fantasia na obra freudiana e no ensino lacaniano, bem como a forma metodológica singular com a qual a Psicanálise opera. Escolhemos três textos de Freud que nos parecem se relacionar mais diretamente com o tema proposto – “Escritores criativos e devaneios” (Freud, 1908 [1907]/1996), “Teorias sexuais das crianças” (Freud, 1908/1996) e “Construções em análise” (Freud, 1937/1996) – no intuito de encontrar um ponto em comum entre a produção fantasística inconsciente e a pesquisa tanto do investigador quanto do analisante.

A teoria da sedução

Além da influência de Charcot, a sintomatologia histérica (espasmos corporais, paralisias, cegueira – entre muitos outros sintomas) foi um considerável fator para que Freud, até então apenas um jovem neurologista, tomasse a neurose como objeto de pesquisa e tratamento. Ao escutá-las, com Breuer, Freud (1906 [1905]/1996) percebeu que, por meio do

procedimento catártico, o discurso de suas pacientes se dirigia a vivências sexuais infantis de sedução por um adulto. Antes mesmo, em seus “Estudos sobre a histeria”, Freud (1893-1895/1996), já havia mencionado que os fatores determinantes para a produção de neuroses deveriam ser buscados na sexualidade, de modo que diferentes fatores sexuais produziram diferentes quadros neuróticos.

Essa escuta do criador da Psicanálise fez com que ele relacionasse os sintomas histéricos e obsessivos às experiências sexuais que teriam ocorrido em tenra infância e que haviam sido esquecidas por seus pacientes. O retorno dessas lembranças, o sofrimento dessas reminiscências, na época posterior à puberdade, seria responsável por causar os sintomas, e não as vivências propriamente ditas: “[...] tais traumas sexuais devem ter ocorrido em tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação)” (Freud, 1896a/1996, p. 164).

Sobre essa questão, o que mais nos interessa é que Freud (1896b/1996), nesse período, acreditava que a histérica e o obsessivo haviam concretamente vivenciado uma experiência sexual, de tal modo que a conduta passiva nessas cenas levaria à histeria; enquanto a ativa, à obsessão. Essa primeira elaboração sobre o trauma ficou conhecida como *Teoria da sedução* – a ênfase dada a essa teoria fazia do sujeito alguém passivo em relação à sexualidade, que seria externa a ele. Nesse contexto, o pai se tornou o principal personagem da sedução e histerização das filhas, visto que a sedução ocorria majoritariamente com mulheres – a mãe só aparecerá bem mais tarde como sedutora de seus filhos (Ceccarelli, 2001).

Ao utilizar o método catártico em suas pacientes, Freud e Breuer perceberam que o discurso delas sugeria vivências infantis relacionadas à vida sexual, de tal forma que seria impossível apreender os sintomas sem levar esses traumas em consideração. Dessa feita, parecia indiscutível a relevância das vivências sexuais para a etiologia das neuroses. Havia um expressivo número de casos clínicos nos quais a sedução por um adulto ou por crianças mais velhas desempenhava papel principal no relato produzido pelos pacientes.

Não acredito mais na minha neurótica

Até então a Teoria da sedução era a principal teoria sobre a histeria, entretanto Freud passa a questioná-la, como podemos perceber na famosa Carta 69, da correspondência Freud-Fliess. Freud (1950 [1892-1899a]/1996) passou a não mais acreditar em sua *neurótica* (podemos notar o duplo sentido da expressão: ruía sua teoria sobre os neuróticos; ademais, ele não acreditava mais no discurso de seus pacientes neuróticos), apresentando vários motivos, entre os quais: a) o fato de que sua teoria da sedução não teria mais base sólida, pois deveria haver muitos mais pais pervertidos que histéricas, e que b) no inconsciente não haveria indicações de realidade, de modo que não se conseguiria distinguir entre a verdade e a ficção, que é catexizada com afeto, havendo a possibilidade de os pais serem tema da fantasia sexual sem terem realmente abusado de suas filhas. Esse foi um dos primeiros momentos no qual o pai da Psicanálise passou a conceber a importância da fantasia. Anteriormente, já na Carta 67, endereçada a Fliess, Freud (1950 [1892-1899b]/1996) já confessava estar atormentado por graves dúvidas sobre sua teoria das neuroses.

Estes [os sintomas] já não apareciam como derivados diretos das lembranças recalçadas das experiências infantis, havendo antes, entre os sintomas e as impressões infantis, a interposição das fantasias (ficções mnêmicas) do paciente (produzidas, em sua maior parte, durante os anos da puberdade), que, de um lado, tinham-se construído a partir das lembranças infantis e com base nelas, e, de outro, eram diretamente transformadas nos sintomas (Freud, 1906 [1905]/1996, p. 261).

A correção desse erro forçou-o a rever o mecanismo dos sintomas histéricos e obsessivos. Esses sintomas não seriam meros derivados das lembranças recalçadas das experiências infantis concretas, na medida em que a fantasia do sujeito revestia suas impressões infantis e eram diretamente convertidas em sintomas.

Desde então aprendi a decifrar muitas fantasias de sedução como tentativas de rechaçar lembranças da atividade sexual do próprio indivíduo (masturbação infantil). Esclarecido esse ponto, caiu por terra a insistência no elemento “traumático” presente nas vivências sexuais infantis, restando o entendimento de que a atividade sexual infantil (seja ela espontânea ou provocada) prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade (Freud, 1906 [1905]/1996, pp. 260-261).

Freud superestimou a frequência desses acontecimentos, já que não foi capaz de estabelecer seguramente a distinção entre ilusão de memória sobre a infância e os eventos reais na vida dos histéricos: “A cena em que o sujeito se descreve seduzido por um camarada mais velho é apenas, de fato, um duplo disfarce: uma fantasia pura é convertida em lembrança real, uma atividade sexual espontânea mascarada de cena de passividade” (Laplanche & Pontalis, 1990, p. 41).

Essa reviravolta em sua teoria é mencionada em “Um estudo autobiográfico”, no qual Freud (1925/1996) alega que esse erro poderia ter tido consequências fatais para o seu trabalho. Segundo ele, a maioria de seus pacientes reproduziam cenas da infância, nas quais foram seduzidos sexualmente por um adulto e, naquele momento, ele acreditara nessas histórias como fatos reais, contudo se viu obrigado a reconhecer que essas cenas jamais existiram, pois eram fantasias de seus pacientes.

Dessa virada em sua teoria, percebeu que os sintomas não tinham ligação com dados concretos da realidade, mas com as fantasias: “no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material” (Freud, 1925/1996, p. 40). Com efeito, “gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva” (Freud, 1917 [1916-1917]/1996, p. 360). Assim, ainda que houvesse um trauma sexual, a fantasia por meio da qual é narrada a cena sexual se torna mais relevante do que o próprio acontecimento.

Freud tentava se afastar da justificativa de que a neurose seria causada por fatores constitucionais e hereditários, porém, quando ele percebeu que sua Teoria da sedução havia sucumbido, viu-se em uma encruzilhada: se a sedução como fator caiu por terra, os fatores constitucionais e hereditários teriam de voltar. Todavia ele resolveu esse dilema numa torção da “disposição neuropática geral” para “constituição sexual”. Essa concepção teórica de descartar o trauma sexual infantil e conceber o infantilismo da sexualidade foi de grande importância, porque o sexual na infância é sempre traumático – e se o sexual é tido como traumático, a própria noção de trauma é excluída (Jorge, 1988).

Dessa forma, podemos perceber que a fantasia se tornou um conceito extremamente importante para a Psicanálise, desde Freud, que já no tratamento histórico se deparou com uma realidade que não poderia ser considerada factual, mas psíquica. Disso decorre que na neurose a realidade material seja ínfima, se comparada à realidade psíquica, e como Freud (1911/2004, p. 70) apresenta em “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, “Temos o dever de utilizar a moeda corrente no país que estamos pesquisando – no nosso caso, *a moeda da neurose*”. O que Freud entende por realidade psíquica é, “Com muita frequência, nada mais do que a realidade dos nossos pensamentos, do nosso mundo pessoal, realidade que equivale à do mundo material e cuja eficácia, no tocante aos fenômenos neuróticos, é determinante” (Laplanche & Pontalis, 1990, pp. 20-21).

Desde o início, como pudemos notar, a Psicanálise se ocupou das fantasias. Mesmo quando Freud não as supunha, elas lá estavam – desde as lembranças tomadas como realidade externa, até depois, quando adquiriram o estatuto de ficção –; de modo que, diante da importância que lhes foi dada, podemos afirmar que a fantasia é a verdadeira moeda da neurose. Vemos essa importância já em Breuer com sua preocupação a respeito do “teatro privado” de Anna O. para permitir-lhe uma liberação de afeto pelas vias da verbalização e expressão emocional. Poderíamos inferir que a fantasia seria a verdadeira moeda na pesquisa? Que a pesquisa seria um teatro privado?

Lacan e a materialidade da fantasia

Freud deu muita ênfase em sua teoria às fantasias conscientes e inconscientes, mas, de forma geral, elas foram mais abordadas sob o aspecto imaginário, como devaneios. Um ano antes de sua virada teórica, com a publicação de “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/2004) abordou a fantasia de uma maneira muito mais específica do que vinha fazendo, no texto “Uma criança é espancada” (Freud, 1919/1996). Com efeito, em “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico” (Freud, 1911/2004), ele denominou o fantasiar como o espaço que escapou do Princípio da realidade, mas que, de alguma forma, submete-se a este devido ao fato de a fantasia só poder se manifestar com as distorções próprias do consciente e pré-consciente. Até mesmo porque, embora a fantasia revele o desejo e a verdade do sujeito, em última instância ela é uma defesa contra o desejo (Freud, 1919/1996).

Em Lacan, a realidade psíquica tem estrutura de ficção e se resolve em sua formulação dos três registros da realidade humana: Real (R), Simbólico (S) e Imaginário (I), os quais estão unidos na topologia do nó borromeano, isto é, se um se desfizer, os outros se desfarão. Para Lacan, a realidade é simbólica e imaginária, construída pela fantasia, que mediatiza o Real insuportável que está ligado ao impossível da relação sexual. A fantasia é, em resumo, fantasia de relação sexual (Jorge, 2010).

Lacan (1964/1998) nos ressalta que ao ser humano não há saber instintual – $S(A)$ –, não há a inscrição da diferença sexual, de modo que essa falta venha a ser preenchida pelo simbólico. Tudo o que há de se constituir no sujeito vem do Outro. A partir dessa encruzilhada, é produzido o advento do simbólico no falante como sincrônico à instauração dos três registros e à instauração da fantasia inconsciente fundamental.

Posto que é ausente o saber sobre o sexo, as teorias sexuais infantis devem ser vistas como paradigmática do Real ligada à relação sexual. Elas pretendem preencher a falta de inscrição do Outro sexo e sustentar a existência da relação sexual. As fantasias infantis, que são acima de tudo teorias que nos acompanham toda a vida, são respostas que demos quando crianças a essa investigação sobre a sexualidade, são respostas à falta de saber instintual. A fantasia constitui uma posição do sujeito no que tange ao gozo do Outro, à castração, articulando a sua relação com as origens e com sua própria vida (Maliska, 2008).

A fantasia é efeito da operação simbólica do recalque originário, que ainda preserva a capacidade de dialetização intrínseca ao simbólico como duplo sentido. O recalque originário, conduzido pelo Nome-do-pai, implica no recalque do Real, ao inaugurar o simbólico do inconsciente e da pulsão, instaurando a fantasia fundamental. Como modelo de fantasia fundamental, podemos nos remeter à fantasia “Uma criança é espancada” (Freud, 1919/1996).

O sujeito tem dificuldades em relatá-la. Não descreve sua fantasia não porque não quer, mas porque não consegue devido à atuação do recalque sobre o desejo. A fantasia é estranha ao próprio sujeito; não é apenas um devaneio, mas uma reconstrução em análise que cerceia o desejo, tentando colocar na cadeia significante essa cena difusa e vergonhosa. Enquanto as práticas masturbatórias associadas a essas fantasias não trazem culpa, o fato de formular essas fantasias traz grandes dificuldades, sentimentos de culpa e repugnância. Há um grande hiato entre o uso imaginário ou fantasístico dessas fantasias e sua formulação falada. O sujeito obtém uma forma de satisfazer-se eroticamente com o traço de perversão que sucumbiu ao recalque, mas que ainda continua alimentando libidinalmente sua vida e suas relações. A fantasia de espancamento traz em si um prazer e um desprazer que estão intrinsecamente relacionados (Lacan, 1956-1957/1995).

As fantasias devem ser tomadas como ficção que dão estrutura à verdade. Tal verdade podemos perceber com as históricas em sua cena de sedução no instante em que ela é tomada pelo desejo do Outro. Dessa forma, podemos dizer que a fantasia é essencialmente masoquista, envolve o corpo do sujeito em uma cena de sofrimento, prazer e de submissão ao desejo do Outro. Essa fantasia é tida como fundamental porque dá materialidade à vida. É, por exemplo, no fazer-se bater que o sujeito apanha tanto na vida, envolvendo-se inconscientemente em situações que vai se dar a apanhar metaforicamente. Essa fantasia assume o caráter de gozo para o sujeito, a maneira como ele se coloca diante da existência, por exemplo, “apanhando”, oferecendo-se inconscientemente para apanhar. A fantasia fundamental do sujeito vai além do mundo interior e constitui as relações de sua vida.

A partir dessas teorizações freudianas, Lacan entende que em nossa fantasia nos entregamos de forma masoquista ao desejo do Outro, ofertamo-nos como objeto de gozo ao Outro. Se bem nos recordarmos, é pela via da submissão que, inicialmente, relacionamos com o Outro: a $\diamond \S$. Se para Freud a fantasia é uma representação imaginária consciente, pré-consciente ou inconsciente, com um ou vários personagens, que realiza um desejo de forma disfarçada e são herdadas filogeneticamente, para Lacan a fantasia é uma organização capturada pela linguagem (Fink, 1988; Ocariz, 2003).

Para entendermos a gramática da fantasia, retomaremos o *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (Lacan, 1964/1998). O sujeito primeiro se alienou no

Outro para depois poder se separar. Na separação, o sujeito tinha ilusão de que era um só, vindo a perder uma parte de si, restando o objeto *a* como uma lembrança dessa ligação com o Outro. Dessa forma, o sujeito se realiza sempre no Outro, seguindo uma suposta parte de si mesmo perdida.

Na alienação, o sujeito se identifica com um significante. Podemos apresentar como exemplo que “meu filho será um *dotô*” é uma representação em relação ao ideal dos pais – esse significante mestre funciona para um sujeito como uma balança por toda a vida. O sujeito fica petrificado ao se identificar com esse significante. Sempre que isolamos uma das identificações, precisamos encontrar a fantasia que a acompanha, a fantasia que lhe traz um gozo. Como o sujeito pode obter um gozo com a fantasia quando é identificado a um *dotô*? Como ele pode transformar a pessoa que ama em um objeto para seu gozo oral, anal, escópico ou invocatório? Na separação, na tentativa de dar uma resposta à pergunta “o que o Outro quer”, também entra em jogo as formas de gozo do sujeito (Laurent, 1997).

Agora, para explicar a gramática da fantasia, trazemos a ilusão de completude do sujeito, o contorno e retorno em circuito da pulsão. A partir desses pontos, podemos trazer a fantasia paradigmática de Freud (1919/1996) e perceber que a gramática da fantasia é a voz reflexiva do verbo – Sou espancando pelo meu pai – como fazer-se comer, fazer-se ouvir, fazer-se olhar e por fim fazer-se espancar. Dessa maneira, a fantasia revela o assujeitamento ao significante e a produção do sujeito na tentativa de responder à falta do Outro; afinal de contas, o que o outro quer de mim? Ele me diz isso, mas o que ele realmente quer dizer?

A fantasia fornece uma resposta para o enigma do desejo do Outro e, ao mesmo tempo, possibilita ao sujeito obter algum tipo de gozo oral, anal, escópico ou invocatório. Segundo Žižek (2010), o desejo encenado na fantasia não é o do próprio sujeito, mas as investigações do sujeito sobre o desejo do Outro. Freud [1917 (1916-1917)/1996] considerou haver três as fantasias principais: observar a relação sexual dos pais, fantasia de sedução por um adulto e ameaça de ser castrado. Consoante Maliska (2008), Lacan considera cinco profantasmas, sendo que cada um se relacionará com uma pulsão e um objeto *a*: retorno ao seio – responde à angústia de ser devorado pelo Outro materno; sedução – responde à questão de como se chega a ser sexuado; castração – porque há dois sexos; cena primária – o que meus pais fazem à noite no quarto; e a novela familiar – responde ao fantasma de Outra origem familiar – todas são respostas a perguntas sobre a origem de algo, em última instância sexual. Seria o pesquisador uma criança em busca de respostas sexuais? Em busca de responder ao desejo do Outro, tentado descobrir o que passa no quarto dos pais?

O pesquisador e a metodologia em Psicanálise

Freud, desde o início de seus estudos, percebeu um sentido nas conversões de suas históricas e nas falas aparentemente nonsense e surreais das neuroses narcísicas. Seu saber nos dizia sobre o fato de que os processos mentais são em grande parte, ou fundamentalmente, inconscientes e de que a sexualidade estava na etiologia das doenças nervosas. Em suas obras, podemos perceber Freud “observando, descrevendo, agrupando fenômenos, criando sua psicopatologia para além dos fenômenos, construindo a prática,

abrindo portas para que outros, quanto queiram, necessitem ou desejem, passem” (Ferrari, 2002, p. 85).

Para Ceccarelli (2012), diferentemente de outras áreas, o inconsciente (ou melhor dizendo, as manifestações do inconsciente que são o objeto de pesquisa da Psicanálise) e uma possível hipótese não podem ser estudados por meio de uma observação direta. É impossível prever a dinâmica psíquica responsável pela causalidade do inconsciente, sendo justamente o objeto de pesquisa em Psicanálise que marca sua diferença em uma pesquisa psicanalítica. Ao falar de manifestações do inconsciente, estamos tratando da realidade psíquica que equivale à realidade objetiva do sujeito. O que interessa à Psicanálise é a dinâmica psíquica por trás do fenômeno observado: “A discussão sobre método de pesquisa deve ser referida à perspectiva epistemológica e teórica que lhe dá sustentação, uma vez que é a teoria, o objeto e o objetivo de pesquisa que devem definir qual o método mais adequado” (Rosa & Domingues, 2010, p. 180).

Ao contrário dos animais, que são regidos por seus instintos, nós humanos somos seres pulsionais. Nossa realidade é psíquica, simbólico-imaginária, de forma que o inconsciente surge como resposta à falta de saber originária do sujeito. Todo o nosso saber é construído ao redor dessa falta originária que recobre o Real em jogo, saber construído desde, e principalmente por, nossas teorias infantis que procuram responder ao enigma da sexualidade. Do ponto de vista da Psicanálise, a realidade psíquica, ou o subjetivo, é o seu objeto de pesquisa, tendo o mesmo valor do objeto de pesquisa das ciências naturais. Muitas vezes, a realidade psíquica tem, na subjetividade de quem a anuncia, o mesmo estatuto que a realidade “objetiva” (Guerra, 2011).

Embora a Psicanálise fora do contexto da clínica tenha sido controversa e tenha recebido diferentes denominações – Freud a chama de Psicanálise aplicada; Laplanche, de extramuros; Lacan, por sua vez, de Psicanálise em extensão –, podemos ver que mesmo as pesquisas ditas teóricas devem ser consideradas pesquisas clínicas, posto que o objeto de estudo são as manifestações do inconsciente. Além disso, também estaríamos ligados transferencialmente ao tema escolhido, por motivações inconscientes (Elia, 2000).

Dessa forma, por se tratar do inconsciente, toda pesquisa em Psicanálise se configura como uma pesquisa clínica por causa, justamente, de o campo de pesquisa ser o inconsciente cujo sujeito está incluso, ademais o saber em questão seguirá a mesma lógica inconsciente e implicará a transferência. O campo da investigação e da descoberta coincidem, fazendo com que o analista e pesquisador dirijam sua escuta para o que visa ao saber. Para o inconsciente, somente o método analítico, nada de metodologia clássica (Elia, 2000).

Ademais, seria útil frisar que o próprio Freud vislumbrou todos os campos do saber com a possibilidade da Psicanálise em extensão. Ele usou fenômenos coletivos para compreender os próprios processos individuais e se recusou à divisão indivíduo/sociedade. Desse modo, o que seria a escrita se não superar resistências? Se não associar livremente como na própria análise? Quando escrevemos, seguimos a mesma lógica inconsciente da associação livre, deixamos surgir conteúdos que aos poucos vão se revelando, sofrendo distorções pela censura, sendo deslocados ou condensados (Meira & Nunes, 2001; Rosa, 2004).

Da mesma forma que o objeto de pesquisa é o que marca a diferença na pesquisa em Psicanálise, a pesquisa pode ser uma forma de produzir um saber sobre as paixões que dirigem

a alma, a elaboração de um discurso, uma forma de dar sentido às pulsões. O que suscita a pesquisa é aquilo que reativa, via transferência, complexos inconscientes recalçados. O tema da pesquisa seria aquilo que interroga o sujeito e que ele não sabe que sabe, seria uma discreta manifestação do recalque. O tema escolhido evoca uma dimensão particular e singular da pesquisa, que é a subjetividade do pesquisador e as respostas que ele procura produzir perante a angústia pelo reencontro com suas produções inconscientes (Ceccarelli, 2012).

A partir do momento em que o sujeito/pesquisador, na universidade, é interrogado por um tema, ele pode se dirigir a um orientador como sujeito de suposto saber. Dessarte, a produção de pesquisa não seria somente um acúmulo de conhecimento, mas uma produção singular de cada pesquisador, realçando o aspecto inconsciente dele. O professor/orientador pode, afora estabelecer o discurso da universidade, também abrir brechas para estabelecer o discurso do analista, fazendo com que o pesquisador/analista produza seu trabalho acadêmico a partir de seu saber inconsciente. Assim, veríamos na universidade um giro do discurso da academia para o discurso do analista. Adentramos aqui na teoria dos discursos de Lacan (1969-1970/1992), fazendo com que na universidade esses discursos possam circular.

A pesquisa: uma construção fantasiosa?

Após uma apresentação sobre o conceito de fantasia na obra freudo-lacaniana, bem como sobre a pesquisa em Psicanálise e sua relação com o inconsciente do pesquisador, propomos explorar um pouco mais a relação da fantasia com a pesquisa, utilizando, principalmente, três artigos de Freud – “Escritores criativos e devaneios” (1908 [1907]/1996), “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908/1996) e “Construções em análise” (1937/1996).

Em “Escritores criativos e devaneios”, Freud (1908 [1907]/1996) se questiona: de onde os escritores conseguem retirar seu material de trabalho? Será na infância que devemos procurar os primeiros traços de atividade imaginativa? Quando crianças, brincamos, mas ao crescer com a seriedade e imperativos da vida, deixamos de brincar, renunciamos a esses elos com objetos reais, mas sabemos que nunca renunciamos a um prazer. O que parece ser uma renúncia é na realidade um substituto; em vez de brincar, construímos castelos no ar, fantasiemos, criamos devaneios. Enquanto as crianças não escondem suas fantasias, os adultos as escondem, preferem confessar suas faltas, já que suas fantasias são infantis e proibidas.

As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, são a realização de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória. As fantasias são mutáveis, adequam-se ao contexto da vida, mas mantendo sua marca. Elas oscilam em três tempos: a) alguma situação presente desencadeou o desejo principal do sujeito; b) desse ponto ele volta a uma experiência passada (infância), na qual esse desejo foi realizado; c) criando uma situação no futuro que represente a realização. Na fantasia, o “passado, presente e futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (Freud, 1908 [1907]/1996, p. 138).

Percebemos que o escritor criativo faz o mesmo que a criança: ele cria um mundo de fantasias no qual investe muita emoção e atenta que, ao contrário da literatura, se

muitas coisas fossem reais não sentiríamos prazer. A pessoa que fantasia esconde, pois se esta fosse revelada sentiríamos repulsa ou indiferença, mas quando um escritor apresenta suas peças, sentimos prazer. A arte estaria em superar essa repulsa. Ao lermos uma obra poética, libertamos tensões em nossa mente, aproveitamos nossas fantasias sem vergonha ou pudor. Ao pesquisador também caberia superar essa repulsa e apresentar sua produção como forma prazerosa, como um trabalho de escrita, de arte? Seria uma continuação de suas brincadeiras infantis?

Já no texto “Sobre as teorias sexuais das crianças”, as ideias de Freud (1908/1996) partem de observações diretas das crianças, lembranças conscientes e, principalmente, lembranças inconscientes dos adultos. Para o criador da Psicanálise, é muito difícil que nem uma criança tenha se preocupado com os problemas do sexo antes da puberdade. Nesse artigo, Freud expõe as principais teorias infantis acerca da sexualidade, teorias que terão estatuto de verdade para a criança. Ele coloca como primeiro enigma das crianças: de onde vêm os bebês? Ou melhor, de onde veio esse bebê intrometido (no caso de um irmãozinho)?

Dependendo da educação, isto é, caso esta não seja tão rígida e coercitiva, ela pode vir a perguntar aos donos da sabedoria. Os adultos lhe respondem evasivamente, às vezes reparam, ou usam a mitologia. Enfim, as crianças recebem essas respostas com fortes dúvidas, mas não as admitem. Assim, as crianças começam a desconfiar dos adultos e suspeitar que eles lhes escondem algo; como resultado, ocultam suas investigações posteriores. Isso gera um conflito na criança, pois suas pesquisas contradizem o que é o certo para os adultos. O conjunto considerado bom torna as concepções conscientes, e o de suas pesquisas é reprimido; forma-se assim o complexo nuclear de uma neurose. A curiosidade infantil faz parte do desenvolvimento psicosexual da criança e encontramos a mesma crença em todas as crianças.

Por fim, em “Construções em análise”, Freud (1937/1996) nos diz que o trabalho de análise propõe que o paciente abandone as repressões e as substitua por ações psicologicamente maduras. Para isso, o paciente deve se lembrar de situações que esqueceu, pois seus sintomas são substituições de recalques. O trabalho da análise consiste em o paciente rememorar o que esqueceu, fornecendo lembranças distorcidas, sonhos, fantasias, fragmentos de lembrança. A função do analista seria a de completar as lacunas entre as lembranças, seria a arte de construção. Todos os elementos essenciais estão preservados, mesmo as coisas que pareçam esquecidas. A construção assume a verdade da lembrança esquecida.

Considerações Finais

Com o objetivo de tentar relacionar as manifestações fantasísticas ao pesquisador, apresentamos o surgimento da fantasia em Freud, perpassando pela Teoria da sedução, a qual era considerada como etiologia para as neuroses; depois nos adentramos na fantasia simbólico-imaginária concebida por Lacan como defesa diante do Real insuportável e inassimilável ao psiquismo humano; para, por fim, apresentarmos alguns apontamentos sobre a pesquisa em Psicanálise. Tendo como referência os três artigos de Freud supracitados, podemos tirar mais algumas conclusões. Se, segundo Jorge (2010), a pulsão é enquadrada como fantasia para

poder se expressar, e se, para Ceccarelli (2009), os mitos fundadores, o mito individual e a pesquisa poderiam ser uma forma de representar os afetos, poderíamos pensar a pesquisa como uma resposta à falta de inscrição de saber instintual? Já que a própria falta de saber institui uma pesquisa e, por consequência, uma fantasia na tentativa de construir um saber sobre o Real?

Percebemos que a característica diferencial da pesquisa em Psicanálise é o fato de o próprio inconsciente do pesquisador estar em jogo, bem como sua ligação transferencial inconsciente ao tema escolhido. Além disso, a pesquisa em Psicanálise pode ser uma forma de se produzir uma resposta às nossas pulsões. O pesquisador em Psicanálise, dessa forma, seria como a criança que fantasia e que procura respostas para os seus enigmas da sexualidade, posto que nossa realidade é simbólico-imaginária e todo nosso saber se constrói ao redor dessa falta que recobre o Real, saber constituído principalmente por nossas teorias infantis. Nossa pesquisa, assim, poderia ser compreendida como fantasias, numa busca de resposta sobre o que o Outro quer de nós.

Poderíamos pensar o pesquisador como uma pequena criança que fantasia e que busca as respostas sobre sua subjetividade em suas pesquisas. Como o escritor (Freud, 1908 [1907]/1996), o pesquisador ao passar seus temas e inquietações para o papel vê-se criando um universo fantasístico distorcido ligado transferencialmente, de forma que possa formular um saber sobre suas paixões, dar sentido às suas pulsões, bem como tentar responder ao que lhe interroga como sujeito sem saber que sabe. Também, poderíamos pensar o pesquisador como a criança que busca respostas para o enigma da sexualidade desenvolvendo hipóteses, fantasiando a respeito de questões às quais não consegue elucidar ou nas quais não acredita – como nas respostas paternas sobre o sexo –; bem como podemos conceber as pesquisas como um fragmento de análise, numa tentativa sempre de dar sentido às nossas pulsões, numa tentativa de construção.

Afora o apresentado, esta pesquisa nos fez refletir sobre outros fatores que pretendemos investigar em pesquisas futuras, como a possibilidade da histeria na pesquisa universitária, no sentido de, para além de as fantasias serem motores de pesquisas, os pesquisadores usarem suas pesquisas de forma sintomática, como um *acting-out*, na ideia de tentarem elaborar problemas ou conflitos pessoais em seus escritos, em vez de falarem sobre isso em suas análises, fórmula que nos remeteria a um possível retorno à Teoria da sedução freudiana. Ademais, fez-nos considerar ainda a possibilidade da pesquisa como sublimação.

Referências

- Ceccarelli, P. R. (2001). A sedução do pai. *GRIFOS*, 18, 91-97. Recuperado em 09/08/2023 em: <https://www.ceccarelli.psc.br/texts/ceccarelli_a-seducao-do-pai.pdf>
- Ceccarelli, P. R. (2009). Don Quixote e a transgressão do saber. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 9(3), 879-899. Recuperado em 27/08/2023 em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300008#:~:text=Don%20Quixote%20de%20La%20Mancha%20é%20o%20resultado%20do%20encontro,possível%20controle%20sobre%20o%20mundo>

- Ceccarelli, P. R. (2012). Considerações sobre pesquisa em Psicanálise. In Melo, P. E. & Júnior, M. D. Júnior (Orgs.). *Psicologia: diálogos contemporâneos*. (pp. 137-146). Curitiba: CRV. Recuperado em 09/08/2023 em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi8gfmy8dCAAxWDAAtQKHfAaAoIQFnoECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.publicacoeseventos.unijui.edu.br%2Findex.php%2Fsalaconhecimento%2Farticle%2Fview%2F7016%2F5782&usg=AOvVaw2yg3yLUosfMbPYiKrHpXJQ&opi=89978449>>
- Elia, L. (2000). Psicanálise, clínica & pesquisa. In Alberti, S. & Elia, L. (Orgs.). *Clínica e pesquisa em Psicanálise*. (pp. 19-35). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Ferrari, I. F. (2002). A Psicanálise no mundo da ciência. *Psicologia em Revista*, 8(11), 82-91. Recuperado em 09/08/2023 em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/139>>
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1996). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 69, 21 de setembro de 1897. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 1, pp. 309-311). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950).
- Freud, S. (1996). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Carta 67, 14 de agosto de 1897. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 1, p. 315). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1950).
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 2, pp. 13-350). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893).
- Freud, S. (1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 3, pp. 161-188). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896a).
- Freud, S. (1996). A etiologia da histeria. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 3, pp. 189-215). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896b).
- Freud, S. (1996). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 7, pp. 261-272). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em (1906 [1905])).
- Freud, S. (1996). Escritores criativos e devaneios. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 9, pp. 135-143). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908 [1907]).
- Freud, S. (1996). Sobre as teorias sexuais das crianças. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 9, pp. 189-206). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (1996). Conferência XXIII: os caminhos da formação dos sintomas. In Freud, S. *Conferências introdutórias sobre Psicanálise* (Vol. 16, pp. 361-378). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1917 [1916-1917]).
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In Freud, S. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. (Vol. 17, pp. 193-218). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (1996). Construções em análise. In Freud, S. *Obras completas*. (Vol. 23, pp. 275-287). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In Freud, S. *Escritos sobre a Psicologia do inconsciente*. (Vol. 1, pp. 63-78). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).

- Freud, S. (2004). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. (Vol. 2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (1996). Um estudo autobiográfico. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 20, pp. 15-78). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1925).
- Guerra, A. M. C. (2011). Profanação e resistência: Psicanálise, pesquisa e intervenção social. In Caldas, H. & Altoé, S. (Orgs.). *Psicanálise, universidade e sociedade*. (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Jorge, M. A. C. (1988). *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da Psicanálise*. (1ª ed.) Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário livro 4: a relação de objeto*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1956-1957).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1990). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Laurent, E. (1997). Alienação e separação I. In Feldstein, R., Fink, B. & Jaanus, M. (Orgs.). *Para ler o Seminário 11*. (pp. 31-41). Rio de Janeiro: Zahar.
- Maliska, M. E. (2008). *A voz e o ritmo nas suas relações com o inconsciente*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Recuperado em 09/08/2023 em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91429>>
- Meira, A. C. S. & Nunes, M. L. T. (2004). Sobre a (in)existência de prazer na produção de escrita científica em Psicanálise. *Pulsional*, 17(178), 115-123. Recuperado em 09/08/2023 em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-477099>>
- Ocariz, C. M. (2003). *O sintoma e a clínica psicanalítica: o curável e o que não tem cura*. (1ª ed.). São Paulo: Via Lettera.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. Recuperado em 8 agosto, 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008.
- Rosa, M. D. & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. Recuperado em 09/08/2023 em: <<https://www.scielo.br/ijpsoc/a/yKKGKsrdH3QvCNdYkTkPqpfP/abstract/?lang=pt>>
- Žižek, S. (2010). *Como ler Lacan*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.

Exploring the intersection of research and fantasy in psychoanalysis

Abstract

The aim of this article is to connect research and fantasy in psychoanalysis. To this end, we will first discuss Freud's notion of fantasy, from his theory of seduction, elaborated with a view to solving the enigma of neurosis, to the discovery of fantasy as producing symptoms. Second, we will move on to Lacan's understanding of fantasy as a protection from the Real. Finally, we will discuss the status of research in psychoanalysis and its relation to the psychoanalyst-researcher. Building upon these points, we will propose that there exists a relation between the production of fantasy and the researcher's unconscious issues.

Keywords: Fantasy. Research. Psychoanalysis. Unconscious.

Explorando la intersección entre investigación y fantasía en psicoanálisis

Resumen

El objetivo de este artículo es relacionar la investigación y la fantasía en psicoanálisis. Con este fin, hablaremos primero de la fantasía según Freud, desde su teoría de la seducción, elaborada con el fin de responder al enigma de la neurosis, hasta el descubrimiento de la fantasía como formadora de síntomas. En el segundo punto, pasaremos a la fantasía como protección contra lo Real según Lacan. Finalmente, hablaremos del estado de la investigación en Psicoanálisis y su relación con el psicoanalista-investigador. A partir de estas reflexiones, propondremos que existe una relación entre la producción de fantasía y las cuestiones inconscientes del investigador.

Palabras clave: Fantasía. Investigación. Psicoanálisis. Inconsciente.

Explorer l'intersection de la recherche et de la fantaisie en psychanalyse

Résumé

Le but de cet article est de mettre en relation la recherche et le fantasme en psychanalyse. Pour ce faire, nous aborderons d'abord la question du fantasme chez Freud, depuis la théorie de la séduction, élaborée dans le but de répondre à l'énigme de la névrose, jusqu'à la découverte du fantasme comme producteur de symptômes. Dans un deuxième temps, nous passerons

Oliveira, G. D. F. de, & Cardoso, R. D. F.

à la conception lacanienne du fantasme comme protection contre le Réel. Finalement, nous questionnerons le statut de la recherche en psychanalyse et sa relation avec le psychanalyste-chercheur. Sur la base de ces réflexions, nous proposerons qu'il existe un lien étroit entre la production de fantasme et les questions inconscientes du chercheur.

Mots-clés: Fantasme. Recherche. Psychanalyse. Inconscient.

Recebido em: 10/8/2023

Aceito em: 22/1/2024